



A água fresca e límpida da Verdade corre no Calvário e vai jorrando para a Vida.

CALVÁRIO

Uma samaritana

HÁ vidas tão mal vividas, repletas de escoriações de toda a ordem, que o pudor impõe discreção ou até silêncio sobre elas. Tenho guardadas no peito muitas destas vidas.

A da Pobre que há dias fui buscar, é das mais dolorosas que tenho encontrado. Trata-se duma samaritana que pede água. O poço, em que se abastecia com as colegas de profissão, era profundo mas a água que ali existia não lhe matava a sede; pelo contrário, quanto mais

bebia mais sede tinha. Havia sal no fundo do poço e ela não se apercebia. A água estava inquinada e ela não dava conta de que se estava a corromper, moral e fisicamente. Um carcinoma tomara conta dela e reduziu-a a farrapo humano. Os cinco filhos menores foram entregues a instituições várias. Não tinha casa nem família alguma.

Vamos dar-lhe da água que aqui temos e esperar que ela se refresque e mate a sede da Verdade por que todo o homem anseia.

É pela tardinha. Ouço murmúrio no quarto em que ela está instalada. Paro e escuto. Lá dentro, outra rejeitada que ali entrou, reza baixinho.

— *Anda, reza comigo.*
— *Mas eu não sei bem.*
— *Reza como sabes.*

E o murmúrio prossegue. A água fresca e límpida da Verdade corre naquele quarto que vai jorrando para a Vida.

Padre Baptista

MALANJE dia-a-dia

27/4/94

Se cada rapaz é um caso, (eu direi — um mundo) o Mingo é. Tem treze anos e já era o «pai» dos seus dois irmãos mais pequeninos. Tratava deles no aspecto de limpeza e desenhava-se para conseguir alimentação.

Uma senhora holandesa, das cozinhas de crianças, descobriu-os e levou-os para uma delas. Já restabelecidos, vieram para nós.

Não foi fácil ao Mingo, habituado como estava a ser o senhor dos irmãos, ver-se no meio da maralha e ser olhado como um novato. O seu mundo abanou: Primeiro, foram as saudades da irmã de quatro anos que tinha ficado com as mães, a serem fonte de lágrimas; depois, a vida livre lá fora — onde era rei. Não foi fácil, não.

Safu a primeira vez sem licença e dormiu por lá. Segunda vez já pediu, mas só regressou dois dias depois.

A escola para ele é uma hora má de roer. Vai roendo, porém, e, pouco a pouco, o seu mundo vai recuperando o equilíbrio.

Cada criança é um mundo!

30/4/94

O Manucho é um mundinho. Muito franzino. Má formação óssea. Uma grande sensibilidade. A uma pequena dor, vem logo.

Quando tenho xarope, tem ele sempre tosse. — *Manucho, como é?! Ele sorri. Um sorriso leve como um raiozinho de sol doirado por entre o cacimbo da manhã!*

1/5/94

Interceptado por um grupo de soldados: «*Que tinha que levar um camarada morto ao cemitério*». Com uma certa relutância (confesso o meu pecado) e um olhar fugidio pelas metralhadoras, fui.

Um jovem soldado apanhado por um tiro num combate perto da nossa Aldeia.

A caminho do cemitério, familiares chorando e cantando, acompanharam a carrinha. À frente, os soldados dançando uma marcha de guerra — com as espingardas erguidas...

«*Eu vou, eu vou morrer por Angola. Granada será meu caixão, enterro será minha patrulha.*»

Continua na página 4

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Grande insuficiência de habitação

É uma aldeia grande que já visitámos. Reunimos com o Grupo Sócio-Caritativo local e deparámos com grande insuficiência de habitação.

O correio trouxe-nos uma carta com relatório:

1. Para a casa da Lurdes, em acabamento, pedimos auxílio, pois de dinheiro estamos, desculpe a expressão, sempre «à rasca».

2. Uma família com três filhos. Baixos recursos económicos e seus pais também. Ela trabalha actualmente na Suíça e tem

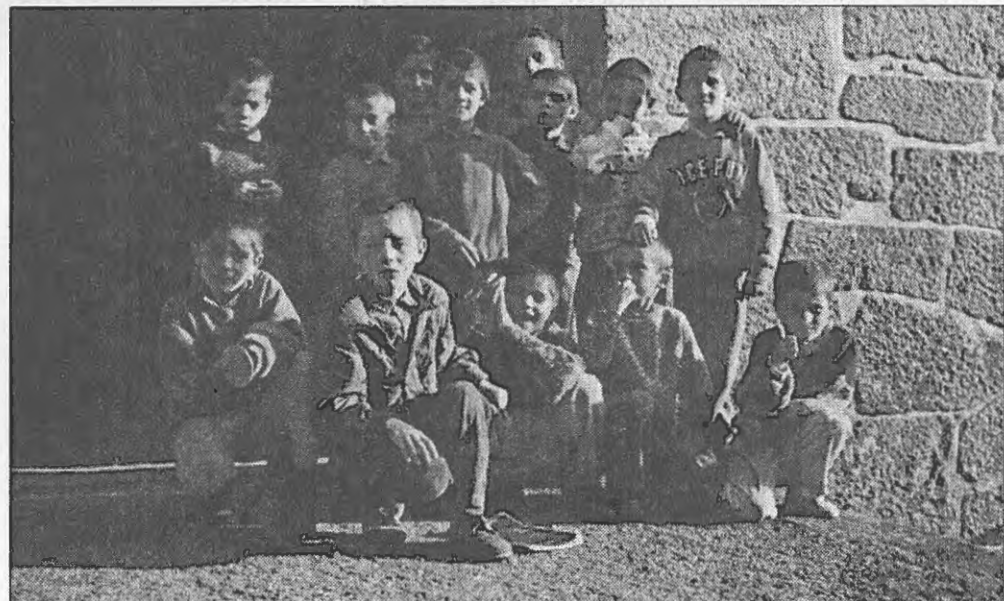
necessidade de voltar para cuidar da família.

As paredes estão a acabar de ser construídas. Falta a colocação dos ladrilhos e todo o resto.

3. Mãe solteira com um filho no Liceu. Habitação muito degradada. Foi-lhe concedido licenciamento para reparação e construção de uma casa de banho.

4. Família com três filhos menores. Moradia com péssimas condições de habitabilidade. Aguardamos decisão dos familiares para se fazer alguma coisa.

Continua na página 3



Eles gostam muito de posar para a câmara fotográfica!

Carta do Quim

Maputo, 18/05/94

Com todas as dificuldades que se possam imaginar cá vamos conseguindo fazer o melhor no mais curto tempo possível. Trabalhar com esta gente, hoje, é muito difícil. Foram muitos anos parados e hábitos adquiridos difíceis de banir.

Tenho todos os pilares implantados e parte dos alicerces fora da terra, com alguns blocos colocados. Este Bloco 2 dá uma cave na varanda dos «Batatas» e na da seca da roupa, com 2,20m de pé direito — bem bom!

Só agora começaram as furações para dinamitar a rocha para o seguimento da rua. Logo que esteja concluído, lanço-me ao 1.º Bloco da casa-mãe.

Tenho pensado muito seriamente na minha estadia e no tempo a ela destinado. Estou a encaixar muito com este pessoal, mas é impossível que se consiga continuar sem a presença de alguém por mais uns meses. Já o tinha constatado em Angola e aqui o confirmo: Tem de haver uma escola — é aquilo que estou tentando — vivida no

terreno, dando o devido tempo.

Espero que as fotografias satisfaçam e deixem uma ideia do que se fez. Só faltava esta de ser também fotógrafo!

São onze da noite e é com uma vela na minha frente que estou sarrabiscando; volta, não volta, lá se vai a luz. Às cinco e meia toca o despertador, e às seis e quarenta e cinco o pessoal pronto para o arranque na montanha. Chego ao fim do dia cansado mas feliz.

Quim «Carpinteiro»



Uma panorâmica que dá ideia da beleza do lugar da nossa Aldeia. Em primeiro plano, imagem dos trabalhos de arranque do Bloco 2 da Casa-Mãe.

Património dos Pobres

Continuação da página 1

5. Mãe com filha e uma neta a morar consigo. Situação económica má. Casa em péssimo estado, pois quando foi do arranjo da rua, o palheiro ficou todo inclinado.

6. Casal com três filhas. Situação económica precária. Moram num casebre sem luz eléctrica nem saneamento, situado nos baldios. Aguardamos resolução camarária para avançar e fazer-lhe uma casa de banho. Família proveniente das ex-colónias.

7. Mulher divorciada, com três filhos. Vive actualmente com a mãe. Péssimas condições económicas. Péssimas condições de habitabilidade. Estamos a tentar convencer a mãe a deixar e os tios a ceder-lhe a parte de trás da casa e torná-la habitável.

«Não estamos de braços cruzados. Trabalhamos já há doze anos e ainda temos trabalho para mais 70x12.

Deus pôs-vos no nosso caminho. É sinal que está do nosso lado e bem precisamos d'Ele. Agradecemos a vossa ajuda».

Estes casos entram na nossa vida. Se temos a consciência acordada!... Há muitas consciências adormecidas.

Não é somente a precariedade de habitação. São as consequências que daí vêm. É o problema da família. É a ilegitimidade dos filhos. É o abandono do casal.

É necessário darmos resposta.

Padre Horácio

É sempre com o coração cheio de gratidão, antes de mais, ao Senhor — o Dono de todos os bens — que damos conta daqueles que uma multidão de Amigos connosco reparte diariamente.

Esta partilha é um dom do Céu. Para nós, um motivo constante de acção de graças; para outros, uma oportunidade de encontrarem os verdadeiros caminhos que levam à Vida. De facto, na partilha de bens se manifesta a abertura do coração a Deus e aos outros: A Verdadeira Vida!

Assim, e depois de aberto o nosso livro do «Deve» e «Haver», começo por assinalar uma presença muito querida da Covilhã, repetida já este ano por três vezes, com cinquenta mil. Alguém no Lar deixou cem mil, sem mais dizeres. Da Casa do Castelo e da Loja do Fernandito trouxe a soma de cinquenta mil e quinhentos escudos. Para os Pobres de quem o nosso Padre Horácio tem falado bastantes vezes na coluna do Património, cem mil, com a observação de que «vós sabeis melhor para onde «ele» há-de ir.» As irmãs de Sta Quitéria,

TRIBUNA DE COIMBRA

quando lá fui por causa de dois que agora são nossos, deram um envelope com quatro notas de cinco mil. Mais uma Helena de Coimbra com dez mil. Para o nosso Padre Telmo, passando por nossas mãos, trinta mil. De Castelo Branco, a nossa Amiga do costume, com mais cem mil. Mais cinquenta mil na Casa do Castelo, para as nossas casas de África.

As Irmãs de Condeixa, admiradas com tudo o que já conhecem, mas como se fosse sempre de novo: cinquenta mil. Uma catequista dos nossos, com trinta mil pela Páscoa da Ressurreição. Mais sessenta e cinco mil somados por ocasião da Páscoa. Na minha passagem por Castelo Branco, viúva amiga ficou feliz por encontrar portador directo para as vinte notas de cinco mil amealhadas, há tempos, da sua pequena reforma. Mais trinta mil de Tomar.

Escuteiros da Pampilhosa, um dia a conviver entre nós e no fim quinze notas de mil com outras coisas de comer

e de vestir. «Para os vossos pobres», dez mil, de algures. De Sto. António dos Olivais cinquenta mil. Da Marinha Grande um grupo de jovens com o seu Prior, depois de uma futebola com resultado a favor dos nossos, trinta mil.

Alunos da Escola Secundária da Quinta das Flores, onze mil novecentos e dezassete escudos e cinquenta centavos, certinhos. Antiga Professora de um dos nossos, de Felgueiras, vinte mil. O casal das Meãs, todos os meses, com palavras comprometidas com o gesto de repartir, três mil. Mais vinte mil por mão do nosso Padre Horácio.

As ofertas do «Bom Pastor» de Carvoeiro e Amendôa, vieram cá parar todas pela mão do seu Pároco e de um casal de paroquianos. Um repartir bem português: queijo das serranias, mel, ovos, arroz, massa e açúcar — uma carrada — azeite e até uma pinguinha daquelas bandas! Em notas e moedas contei

setenta e um mil seiscentos e sessenta e cinco escudos.

Mais duzentos mil deixados no Lar à mercê do «Chinês»... Não fôra o escondimento do nosso amigo que se identificou com um: «Isto veio do céu...», muitas mais arrelias me teria acarretado...

Alunos da Escola Secundária Júlio Diniz de Ovar com trinta e um mil e setecentos e vinte escudos. Mais cem mil de gente que me pareceu muito humilde, gente de Tomar. Uma assinatura da Anadia com dez mil e pela mão do senhor Prior setenta e cinco mil. Finalmente a Escola Secundária de S. Romão de Seia com cinco mil.

Não conto as migalhas do dia-a-dia que bem contadas enchem um alqueire. Graças a Deus! A quem nos pergunta como resolvemos o «Deve»-«Haver», apetece-me responder com as palavras mais adequadas daquele amigo nosso: «Isto vem do Céu...». Não há dúvida!

Padre João

FUTEBOL — Continua com um bom ritmo apesar de não sermos desafiados por alguém. Queremos que nos desafiem para podermos mostrar que sabemos jogar. Com o fim do ano lectivo, teremos mais tempos livres.

JARDINS — Estão mais bonitos do que nunca, pois o sol enche as flores de vida e de beleza. Há que não esquecer a água pois é ela que agora no Verão vai refrescar e matar a sede às flores. Temos que ter muito cuidado com as flores pois são elas que dão beleza à Casa.

FAVA — Já há muito foi plantada; agora temos estado a apanhá-la aos poucos. Quando acabar o ano lectivo, o sr. Padre e os chefes irão organizar grandes grupos para a apanha da fava. Irá ser um trabalho árduo pois teremos que apanhar sol; mas, para compensar, na hora dos tempos livres iremos para a piscina.

FÉRIAS — Como o ano lectivo está quase no fim o sr. Padre pensa nos grupos que

irão para a praia neste Verão. Concerteza que as listas serão grandes pois somos muitos cá em Casa e o sr. Padre precisará de muita calma para poder fazê-las e para que nenhum gaiato fique sem férias.

SAÍDAS — Para muitos cá em Casa, é como se fosse sair de algum sítio em que estivessem presos e depois aproveitam para gozarem o tempo que lhes fora indicado e ultrapassaram a hora. O sr. Padre, claro que fica zangado pois pensa que acontecera alguma coisa.

FESTAS — Já fizemos todas. Os nossos rapazes contentes pois viram em muitas casas um grande público e no fim um grande lanche. O sr. Padre também muito contente pois com as festas obtêm um grande lucro para sustento da Casa. Em muitos sítios, pediram-nos para lá fazer festa no próximo ano. Talvez sim, porque gostámos de muitas casas, principalmente onde aplaudiram mais.

Joaquim Miguel Pinto

VISTAS DE DENTRO

Fê-los nascer

NA «casa das aves» duma das nossas Casas houve um fenómeno inédito para os nossos Rapazes. Fenómeno maravilhoso e de muita admiração.

Encontraram um ovo de pomba e puseram-no no ninho das rolas. Uma das rolas começou a chocá-lo e logo descobriram um ninho de melro com três ovos. Pegaram nos ovos da melra e puseram-nos juntos com o ovo de pomba. A rola, amorosamente, os chocou também e passaram os dias necessá-

rios nasceram um borraquinho e três melrinhos.

Começou a maior admiração. A rola dava comer ao borraquinho, mas não dava nada aos melrinhos. Os Rapazes, admirados, tomaram à sua conta a vida dos três seres e ei-los todos felizes a cantar, empoleirados na gaiola.

Um tema de meditação para adultos. Há muitos casais que não querem criar. Têm medo à vida. Têm repugnância pelo sacrifício. Querem ser livres. Ambicionam bens. Lutam por dinheiro. Repugnam os verdadeiros valores. A vida é o maior valor.

Aquela rola privou-se da sua liberdade e agarrou-se ao ninho semanas seguidas. Agora passa o seu tempo a alimentar um ser que lhe é estranho.

Porque não alimenta também os melrinhos? Leis da natureza. As leis da natureza cumprem-se. Não os repele. Estão todos felizes. No mesmo ninho.

Cria-os como filhos

Recordais a nossa gata que pariu cinco gatinhos e como ela anda na sala de jantar a comer as coisas que os Rapazes lhe põem na boca. Pois em vez de

cinco filhos está a criar sete. Os rapazes encontraram dois gatinhos abandonados e juntaram aos outros e eis a gata, muito amorosamente, alimentando os sete e todos brincam como irmãos. É um quadro encantador.

É o retrato duma Casa do Gaiato. Criamos os abandonados como filhos. Tantos pais e mães que abandonam os filhos! Trocam-nos por qualquer ninharia.

Venham aprender com a nossa gata. Ela é um exemplo a admirar para quantos queiram pôr termo à vida. Há seres humanos, que por vezes, são mais baixos que os animais. Aprendamos todos.

Padre Horácio

ÁFRICA

A carta do Quim e a fotografia que a acompanha constituem feliz notícia do início da concretização da primeira Casa do Gaiato de Moçambique. O Chimoio é sonho antigo de uma segunda Casa — que será um dia, se Deus quiser, para quem Ele a destinar. Assim por lá prosperem as vocações, como está acontecendo em Angola; e, de entre elas, desperte a de ser padre da rua.

A decisão do nosso regresso a África contou também com este dado. Voltámos lá com a vontade expressa das Igrejas Locais e o conhecimento dos respectivos Bispos de que a continuidade da Obra da Rua em terras de Angola e Moçambique tem de ser assumida pelas Comunidades a que presidem. Se os objectivos da Obra têm tanto em que se aplicar naquelas terras — e disso ninguém duvida! — é do interesse de todos que as Casas do Gaiato possam nascer e crescer

oferecendo a mão a tantos que só por si não podem levantar-se do chão em que estão caídos. E não o digo só dos rapazes em risco, mas do Povo em geral na diversidade de muitas situações de extrema carência.

Esta é uma preocupação dominante dos nossos padres que lá gastam suas vidas algo já cansadas. Entre os seus projectos é importante este de procurar e preparar quem se disponha a ajudá-los quanto antes e a rendê-los na hora que só Deus sabe.

Em minha recente passagem por África não houve tempo para tratar deste assunto quanto ele merece e reclama a nossa atenção. Mas os nossos padres não podem perder oportunidade para lembrar aos Responsáveis da Igreja. Aqueles que encontrei — alguns dos quais acentuaram quão útil seria a presença da Obra da Rua nas suas Dioceses — fui dizendo que tal desiderato está também (e principalmente!) nas suas

mãos. Não bastará que estejam abertos a dar-nos alguma vocação que surja. Seria bom que as estimulassem com uma simpatia activa e coerente com o desejo manifestado. As nossas Casas, essas estão abertas ao conhecimento e à experiência de candidatos que ponham, entre outras perspectivas de realização do sacerdócio, esta de o viverem na Obra da Rua, no serviço directo e imediato dos mais caídos, dos mais abandonados. Dar-lhes a conhecer este caminho, ajudá-los a desejar segui-lo, na consciência esclarecida das exigências e das dificuldades próprias dele — é trabalho que pertence também, e sobretudo, aos que os formam nos Seminários.

Em nossa Casa de Maputo encontrei um seminarista de Pemba, certamente por sugestão de um padre dessa Diocese que há longos anos nos conhece e tantas vezes nos tem demonstrado a sua estima. Outros

padres Elias, em outras dioceses, que façam da mesma sorte — e certamente se abrirão caminhos para um conhecimento que pode levar ao amor e ao compromisso!

Em Benguela, a esperança é já mais forte. Manuel Kalembe, recentemente ordenado de diácono, faz em nossa Casa o seu estágio pastoral. Um ano de noviciado antes da ordenação de presbítero, corresponsabilizado na vida da nossa Comunidade, para que possa provar-se a si mesmo e provar ao seu Bispo e a todos nós, que Deus o chamou para a missão de padre da rua.

Na próxima edição d'O GAIATO ele nos dará o primeiro sinal da sua graça. Espero que continue, também neste exercício de comunicar, a conhecer-se melhor e a colocar bem fundo o alicerce da sua decisão. Bem fundo — no firme que é a Vontade de Deus

Padre Carlos

MALANJE dia-a-dia

Continuação da página 1

Chegámos. Acompanhei a pé até à sepultura. No momento, pedi ao comandante do grupo uns minutos de silêncio.

Então, falei — convidando todos a fazermos uma

oração ao Senhor pelo nosso irmão que perdeu a vida em combate. Que a fome, as carências e a própria guerra não constituíam motivo para nos afastarmos de Deus. Depois, na certeza da Vida Eterna. Os olhares ávidos. A seguir, rezámos o Pai-Nosso e o «descansa em paz». Souberam rezar e dizer ámen.

Retirei-me cabisbaixo por nem sempre ter olhado com simpatia para estes jovens tão pouco acarinhados. Também pela grande omissão de nunca lhes ter falado de Deus.

Obrigado, Senhor, pela grande lição deste dia!

Padre Telmo

OS benefícios que as Festas oferecem aos nossos rapazes são muitos. O palco é um lugar privilegiado onde o adolescente e o jovem instintivamente apreciam os próprios valores e as carências humanas de que são portadores. É uma tribuna onde aprendem a pregar a si próprios e aos outros uma mensagem que dificilmente digeririam noutros lugares.

É uma ocasião para vencerem complexos intransponíveis originados por tragédias humanas e privações do essencial à vida, de que a sua história está cheia.

As Festas são conjunturas obrigatórias onde os novos amadurecem necessariamente sem sentir que são obrigados.

O proveito que as Festas trazem aos espectadores é incalculável. Atinge as raízes do espírito e entra por todas as janelas sensíveis do homem. São lições de humanidade raramente encontradas noutras circunstâncias. São manifestações de fé com argumen-

SETÚBAL

tação arrasante. Aqui o humano e o divino encontram-se e manifestam-se em estilo tão evidente que é impossível negá-los. Daí que as nossas Festas sejam uma genuína aula de catequese e uma pregação que se impõe por si mesma.

Entristece-nos, em certos lugares, sentir o alheamento dos responsáveis da pastoral. Sinal de um integralismo demolidor da verdadeira face do cristianismo.

Alegra-nos imenso, o empenho, noutras cidades e vilas, dos padres e outros agentes da Caridade e da Fé. Prova inequívoca e testemunhal da sua união com o Homem-Deus.

Escrevo a 30/5. É altura de fazer já um balanço da nossa jornada.

Excepto em Palmela e Cabanas, onde tivemos a concorrência de outros espectáculos e as casas se apresentaram pouco cheias, em todos os outros

lugares as salas abarrotaram de gente entusiasta e feliz. O Luiza Todi, em Setúbal, nunca esteve tão completo e com tanta mocidade.

Ao Aveirense, fomos ávidos do carinho que as gentes da Veneza Lusa, mantêm vivo pelos gaiatos e viemos de lá saciados. A nossa Festa naquela cidade foi também agradecimento pela peregrinação que a 4 de Maio passado as pessoas das redondezas fizeram a esta Casa, trazendo-nos quase quinhentos contos.

Os rapazes deliciaram-se no restaurante do Bom Sucesso com um jantar de gala alegremente oferecido pelos donos. Assentámos arraiais no Hotel Imperial que nos serviu como a filhos. Da Delegação do Comércio do Porto fizemos «quartel general» para a publicidade. Tudo gratuito. Tudo amor!...

Festas

11 de Junho — Incrível Almadense — ALMADA;

17 de Junho — Clube Recreativo Piedense — COVA DA PIEDADE;

18 de Junho — Teatro Gil Vicente — CASCAIS;

25 de Junho — Teatro José Lúcio da Silva — LEIRIA.

A organização da Festa de Leiria no José Lúcio da Silva está a cargo do Lions Clube daquela cidade. A iniciativa é deles. A este movimento devemos já, em Setúbal, muita simpatia e agora em Leiria os companheiros dispuseram-se a colaborar connosco com um entusiasmo que nos surpreende e um carinho que nos atrai.

Esperamos encontrar repleto o magnífico Teatro.

Padre Acílio

PASSO A PASSO

ENTRE os muitos grupos de pessoas que nos têm visitado, principalmente de alunos de várias escolas, esteve connosco há dias um de crianças da primária.

Era dia de muita chuva, que não parou de cair ao longo de várias horas. Esta situação impedia-os de visitarem a Casa e obrigava-os a ficarem fechados para escaparem às possíveis consequências de uma boa molhadela.

Neste entretanto, um dos pequenos vira-se para mim e pergunta-me se não tinha uma máquina do tempo que o fizesse virar para sol!! Uma questão assim colocada, faria pensar tratar-se de um fruto da imaginação característica das crianças. Respondi-lhe com uma pergunta, se sabia que só Deus poderia fazer tal alteração!... Perante o seu silêncio indaguei se já tinha ouvido falar de Deus! Nunca tinha ouvido falar...

Isto deixou-me perplexo, e de imediato comecei a ver botões e mais botões a comandarem o mundo pelos deditos destas crianças amorosas. Um mundo totalmente mecanizado e determinado...

Ficou-me um sentimento de pena por esta nova geração de irmãos meus, por pressentir como estão sendo educados para uma vida lógica, em que tudo é comandado e à partida, infalível! Tão longe da verdade da vida, que é para o ser humano, liberdade e imprevisão.

E depois, onde a fonte principal da vida, o amor? Por muito que se forcem as coisas, aqui a máquina só pode iludir! Depois será o desencanto e a perda do sentido da vida. Porque o amor é o seu sentido e a força!

Certamente que terão muitos clientes no futuro aqueles que hoje procuram mecanizar a própria liberdade do homem, automatizando o seu comportamento e sentir, programando-o para alcançar um qualquer sentido para a vida quando não for capaz de o descobrir.

O resultado será um fracasso, pois como se pode aprisionar a liberdade que não se faz conhecimento mas unicamente vida?

O homem, continuas a querer dominar a Deus! Já o tentaste de diversas formas... O criaturazinha tão amada do teu Criador, reconhece a tua pequenez para alcançares a tua grandeza!

Padre Júlio

BENGUELA

Fazer o que é possível diante da grandeza dos problemas

Quem acode? — foi o grito interior, em silêncio, que ouvi durante todo o dia. Porquê? Logo de manhã, à hora de começar o trabalho, um grupo de mulheres trabalhadoras no campo veio ter comigo a dizer-me que iam a um óbito. A mãe e a filha tinham morrido com a doença da cólera, naquela noite. Ao lado, mais um grupo de homens com o mesmo aviso, que um vizinho tinha morrido também. Saio para a cidade e dou com um carrinho de mão, vulgarmente chamado cangulo, levando um corpo de criança embrulhado num pano, morto de doença igual. É um facto público a morte de muita gente vítima da

cólera. Crianças e adultos. Ao flagelo da guerra junta-se o flagelo da doença que apanha os corpos subalimentados e os vitima. A maioria absoluta do povo não tem o mínimo de condições para viver.

Nesse dia senti o peso da multidão e gritei no meu íntimo: Quem acode? Onde estão as pessoas que assumiram o encargo de fazer alguma coisa pela saúde pública? Muitas vezes o écran da televisão mostra o estado deplorável em que se encontram os hospitais e centros de saúde no que toca a medicamentos de necessidade primária.

Quem sai do centro da cidade e entra nos bairros onde vive a maior parte da população, depara com praças de lixo espalhado e amontoado, como se fossem latrinas ao ar livre. E tudo isto acontece, aparentemente pelo menos, como se fosse normal.

Não se poderá fazer nada? Ele há máquinas pesadas para remover e queimar e enterrar aquelas estrumeiras que tanto mal fazem à saúde dos filhos desta terra. Falta, por certo, quem as mobilize, como dum bem público de primeira necessidade de que se trata. Há uma distância tão grande entre a cidade do asfalto e do cimento e a grande cidade dos bairros suburbanos que quem vive naquela não sente em sua própria carne a miséria desta.

Em momentos de crise, como este que nos é dado viver aqui, só uma consciência social voltada para o bem da população terá a

força necessária para abrir o caminho no meio da apatia geral e resolver os problemas simples mas de grande importância para todos. Não se trata de soluções definitivas, que virão a seu tempo, mas de atenuar as consequências do mal, fazendo-se o que é possível fazer. Terá que ser este o critério, em situação de emergência, para que não se cruzem os braços diante da grandeza dos problemas.

Que podem fazer as pessoas que estão longe? Que fiquem inquietas, sensíveis e se tornem próximas pelo coração.

Padre Manuel António



Director: Padre Carlos — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e Imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Pendafiel
Tel. (0 51) 752285 - FAX 753799 — Cont. 50078898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239

Tiragem média, por edição, no mês de Maio: 73.500 exemplares